



Espaço urbano e práticas musicais: um palco sonoro político?

Jornada de Estudo franco-lusófona

Data: quarta-feira, 18 de dezembro de 2024

Localização: Maison des Sciences de l'Homme Paris Nord e remoto

<https://www.mshparisnord.fr/event/journee-etude-espace-urbain-pratiques-musicales/>

Resumo das comunicações e
biografias dos participantes

Conferência de introdução

- **Iñigo Sánchez Fuarros (antropólogo-etnomusicólogo, Incipit-CSIC, Espanha):**

A pegada sonora do turismo: turistificação sonora e transformação urbana em Lisboa

Esta comunicação propõe uma aproximação sobre como os ambientes sonoros urbanos são transformados pelo turismo, introduzindo o conceito de “turistificação sonora”. Focando Lisboa como estudo de caso, a apresentação busca compreender os impactos multifacetados do turismo nos ambientes sonoros da cidade, indo além dos estudos tradicionais de lugar e espaço para considerar dimensões sensoriais e afetivas. Serão examinados tanto os aspectos positivos quanto os negativos dessa transformação, fornecendo uma análise matizada de como o turismo molda as paisagens sonoras urbanas e influencia as experiências vividas por residentes e visitantes.

Biografia:

Iñigo Sánchez Fuarros é antropólogo no Instituto de Ciências do Património (INCIPIT, CSIC) em Santiago de Compostela. Suas linhas de pesquisa abordam as interseções entre a cultura expressiva, o turismo, a materialidade e os processos de patrimonialização, com um interesse especial em metodologias que ligam a etnografia, imagem e som. Anteriormente, trabalhou como investigador pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa e na Queen's University de Belfast. Coordena o projeto “PALCOS. Cultura material e festa na paisagem rururbana galega”, financiado pela Axencia Galega de Innovación (GAIN), e é co-investigador principal do projeto “HabitPAT: Os cuidados do património”, financiado pelo Ministério da Ciência, Inovação e Universidades. É igualmente responsável por “XEITO | Laboratório de criação etnográfica”, uma infraestrutura científico-técnica que explora as conexões entre a etnografia e os processos de criação artística.

Sessão 1: Música, periferia e resistência

- Gaëlle Simon (antropóloga, ESO-Institut Agro-Rennes, França):

“Sou cria”, “moi je suis un vrai rat”: a música como resistência na favela da Rocinha no Rio de Janeiro e no bairro dos Minguettes em Vénissieux

Esta apresentação, na continuidade dos meus trabalhos de doutorado, interessa-se pela reivindicação de identidades locais, originalmente pejorativas, ao inverter o estigma na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, e no bairro dos Minguettes, em Vénissieux, na área do Lyon. Estas identidades, a do “cria” e a do “rat lyonnais”, que se baseiam, respectivamente, nos critérios discriminatórios raciais e sociais das figuras do “bandido” e da “racaille”, são reapropriadas e reivindicadas por uma parte da população destes bairros, especialmente aqueles o mais visados por estas figuras, os jovens homens não brancos. A reivindicação dessas figuras, que se enraíza em formas de resistência e de lutas contra um sistema racista e classista, se faz nomeadamente através da prática musical na prática e nos usos do funk e do rap no quotidiano da Rocinha e das Minguettes. Este trabalho se baseia em 8 anos de pesquisa etnográfica dentro desses bairros com trabalho de campo de longo prazo em imersão, um trabalho qualitativo baseado na observação participante e entrevistas livres e semi-estruturadas.

Biografia:

Gaëlle Simon é doutora em antropologia e atualmente pós-doutoranda no Instituto Agro Rennes e no Laboratório do ESO, dentro do programa de pesquisa da ANR intitulado COHUMAG. Seu trabalho de pesquisa trata das resistências em contextos pós-coloniais, através: da música na favela da Rocinha no Rio de Janeiro, Brasil, e no bairro dos Minguettes em Vénissieux, França, como parte de suas pesquisas de doutorado; e numa dimensão

beyond human com uma etnografia multiespécies no Médio-Atlas em Marrocos, no âmbito das suas pesquisas pós-doutorais.

- **Nicolas Prévôt (antropólogo, CREM-LESC-Université Paris Nanterre / CNRS, França):**

INOUI: uma etnomusicologia de bairro, nas portas da universidade

Um punhado de alunos e um professor motivados a conhecer moradores da cidade de Nanterre. Ir de bairro em bairro, descobrir, documentar e compartilhar as práticas musicais insuspeitadas dos moradores e compartilhar elas com os vizinhos. Tentar dar visibilidade ao inédito (inouï) - legitimidade dos pouco ouvidos - refletir sobre o lugar ou ausência da música nas nossas vidas e cidades. São em poucas palavras o princípio, as motivações e as questões - políticas? - do projeto INOUI, nascido há cerca de quinze anos, na saída das aulas da Universidade de Nanterre. Ao longo dos anos, com apoio financeiro do poder público, o apoio da Prefeitura e de um programa de pesquisa, com numerosos eventos organizados nos bairros e na universidade, esse projeto se desenvolveu, até integrar o programa de etnomusicologia e antropologia da dança da Universidade Paris Nanterre. Ao desenvolver as competências audiovisuais dos alunos, realizamos um webdocumentário que, pouco a pouco, foi enriquecido com um mapa sonoro interativo (e em breve participativo) da cidade (www.inouiwebdoc.fr).

Biografia:

Nicolas Prévôt é professor de etnomusicologia no departamento de antropologia da Universidade de Paris Nanterre e membro do Centre de Recherche en Ethnomusicologie (CREM-LESC, CNRS). Nos Balcãs (em particular na Macedónia) interessou-se pela classificação local dos repertórios das bandas de metais ciganas e pela sua manipulação para fins identitários e ideológicos, antes de trabalhar na Índia central (Bastar) nas relações estruturais entre um repertório sagrado tocado por conjuntos de oboé e tímpanos com o panteão da aldeia. A sua investigação, tanto nos Balcãs como na Índia, também foca no estatuto e no poder dos artesãos musicais. Tocar instrumentos de sopro e conhecer conjuntos particularmente barulhentos o levaram a questionar as ontologias do som. Desde a criação do mestrado profissional EMAD em 2009 em Nanterre, também se interessa por aplicações não académicas da etnomusicologia e dirige o projeto de investigação-ação Imersões no Labex Les passés dans le présent.

- **Israel Dias de Castro (enfermeiro, doutorando em saúde pública, Escola Nacional de saúde Pública no Rio de Janeiro-FIOCRUZ, Brasil) e Paulo Duarte de Carvalho Amarante (psiquiatra, pesquisador Sênior, Escola Nacional de saúde Pública no Rio de Janeiro-FIOCRUZ, Brasil):**

Confluências entre o direito à cidade e o direito à saúde: Notas sobre lutas sociais, loucura e carnaval

Este trabalho apresenta um projeto doutoral, orientado pelo professor Paulo Amarante, que combina um olhar da experiência de ser músico e profissional da saúde. A pesquisa objetiva analisar se e como as experiências de blocos de carnaval que reivindicam a luta antimanicomial transformam o lugar social da loucura na sociedade brasileira. Dezenas de iniciativas podem ser mapeadas pelo país, em diversos graus de amadurecimento e com diferentes estéticas carnavalescas, como inserção em escolas de samba, blocos de rua, cordões, maracatus, frevos, etc. De modo amplo, o que se pode observar é que participar do brinquedo popular viabiliza produção de cidadania, de novas relações e identidades sociais, bem como é uma estratégia de luta política para ressignificar o lugar da loucura a partir da luta antimanicomial para um diálogo com a sociedade. Não se restringir aos pátios dos serviços de saúde e ir para as ruas e praças de seus territórios é um caminho possível para a emancipação de sujeitos de sua própria história de vida. Percebemos, com isso, uma confluência entre o direito à cidade e o direito à saúde.

Biografias:

Israel Dias de Castro está cursando um doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública na FIOCRUZ. Graduado no curso de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem Geral pela Universidade Federal da Paraíba. Possui cursos de nível médio em Música e Terapias Holísticas e Naturais. Especialista em Avaliação de Serviços de Saúde pela UFCSPA. Especialista em Saúde Mental Coletiva na UFRGS. Mestre em Modelos de Decisão em Saúde (Mestrado Acadêmico) na UFPB. Atuou como Professor Substituto no Departamento de Enfermagem e Saúde Coletiva da UFPel. Atualmente realiza pesquisas sobre reforma psiquiátrica e luta antimanicomial, cultura popular e carnaval.

Paulo Duarte de Carvalho Amarante é Pesquisador Sênior da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz, onde foi Professor e Pesquisador Titular. É líder do Grupo de Pesquisas "Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial" (LAPS) do CNPq. Foi coordenador do Projeto Loucos pela Diversidade, convênio entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Saúde. Sua atuação acadêmica e política tem sido voltada para os seguintes temas: reforma psiquiátrica, saúde mental, epistemologia; filosofia da ciência, políticas públicas e políticas de saúde.

- Maria Cláudia Martinelli de Mello Pitrez (socióloga, UFF-Campos, Brasil):

Rap e pertencimento: sociabilidades juvenis na cidade de Campos de Goytacazes

O Rap e as Batalhas de Rima formam uma cena musical forte na cidade de Campos dos Goytacazes, tornando um ponto de encontro de vários jovens campistas e de outras localidades. É através das batidas e das poesias criadas pelos jovens que eles expressam seu estilo, se fortalecem como indivíduos e como grupos, se organizam, ocupam pontos da cidade com seus eventos nas ruas e trazem foco para as condições de vida da juventude periférica. As Batalhas de Rima se tornaram um espaço de trocas e sociabilidades juvenis e onde várias histórias locais são narradas. Pude ouvir vários relatos de discentes da

Universidade Federal Fluminense, local onde trabalho, que destacam como o Rap e as Batalhas de Rimas foram importantes para eles se sentirem em casa e construírem vínculos com a cidade que escolheram para estudar e morar. A partir dessas constatações, comecei a desenvolver trabalhos de extensão e ensino, com o grupo de pesquisa que coordeno “Círculos de Culturas: educação, cidade e pertencimento”, que procura conhecer mais de perto a cena do Rap na cidade. Desta forma, o presente trabalho busca analisar algumas letras de Rap para compreender mais de perto como seus compositores/as fazem suas poesias e batidas; como dialogam com a cidade e narram sobre seus cotidianos, lugares afetivos e conflituosos; e como esse ritmo também traz conexões para além dos territórios em particular de cada rappers e dialoga com outras periferias e juventudes.

Bibliografia:

Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais de Campos dos Goytacazes, da Universidade Federal Fluminense. Doutorado em Ciências Sociais no PPCIS/Uerj/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Sociologia e Antropologia no PPGSA/IFCS/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais IFCS/Universidade do Rio de Janeiro. Desenvolve trabalhos na área de educação e cultura, envolvendo campos de pesquisas na educação formal e não formal; festividades e ritual; arte, ritmo e pertencimento.

- **Dennis Novaes (antropólogo, Museu Nacional-UFRJ, Brasil):**

Desenhar o som e a cidade: os estúdios de funk nas favelas cariocas

Esta apresentação é fruto de um trabalho de campo iniciado em 2014 junto a artistas de funk, especialmente o funk produzido nas favelas do Rio de Janeiro. A partir de material histórico e etnográfico, reflito sobre o modo como DJs e MCs desenham formas sonoras que desafiam a indústria da música hegemônica por meio de técnicas de produção musical. Focando nos estúdios de funk em favelas, abordo os processos criativos destes artistas, os recursos tecnológicos que mobilizam e sua conexão com a vida cotidiana nas favelas. Para operar estas conexões, considero as atividades destes artistas ao mesmo tempo como “tecnologias do encantamento” (Gell 1998) e como trabalho, o que num contexto capitalista implica relações permeadas pelas dimensões de classe e raça. Muitas vezes, o modo de circulação das músicas feitas para os bailes de favela se aproxima de uma troca de dádivas, um tipo de circulação no qual a fama não acompanha necessariamente retorno financeiro. Ocorre, em termos sônicos, o que Milton Santos observou sobre as áreas pobres das cidades. Essas são “áreas opacas” porque avessas à padronização hegemônica e, por isso mesmo, produtoras de “contrarracionalidades”, com potencial disruptivo e desafiador da ordem ao mostrar outras ordens e racionalidades possíveis, fundamentais para a sobrevivência (Santos 2002). Nesta comunicação argumento que os estúdios de favela sonorizam a cidade por meio das técnicas e aparatos tecnológicos de produção musical.

Biografia:

Dennis Novaes é doutor pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre pela mesma instituição. Sua pesquisa de mestrado teve como foco o proibidão, estilo de funk carioca que aborda a vida no "crime". Sua tese de doutorado reflete sobre as técnicas de produção e circulação da música no funk carioca. Sua produção acadêmica e cultural é voltada para temas como arte periférica, tecnologia e diáspora africana, eixos norteadores de sua atual pesquisa de pós-doutorado no Museu Nacional, que é apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

- **Laurine Sézérat (antropóloga-urbanista, PPGSA/IFCS-UFRJ, Brasil):**

Os desfiles dos Mandingas no bairro de Ribeiro Bote no Mindelo, Cabo-Verde, avaliados à luz da turistificação do carnaval: para uma (re)despossessão

Nos últimos vinte anos, Cabo Verde tornou-se um destino muito procurado, onde o número de alojamentos destinados ao turismo triplicou. A maior parte destes alojamentos concentra-se em resorts de luxo localizados nas margens das ilhas do Sal, Boa Vista e São Vicente. Cada ano, dos turistas – maioritariamente europeus – que vão a Cabo Verde, quase 90% fazem estadias “tudo incluído” em hotéis de luxo, contribuindo para o desenvolvimento de um turismo de lazer desligado da realidade da vida local. Nas grandes cidades, são os centros urbanos que estão se gentrificando, obrigando os residentes a viver em bairros periféricos. Na ilha de São Vicente, o carnaval da Cidade do Mindelo se tornou o produto turístico emblemático da ilha e, cada ano, os desfiles são mais espetaculares. Contudo, a esse carnaval de purpurina e penas, se opõem os desfiles dos Mandingas que acontecem no bairro periférico do Ribeiro Bote. Os Mandingas apresentam o homem negro como bestial e combativo, tornando a cor da sua pele e a violência como dispositivos cénicos. Os ritmos que animam os desfiles dos Mandingas são frenéticos e acompanham a exibição dos corpos racializados. Essa comunicação pretende então questionar o significado político dos desfiles dos Mandingas, à luz da dimensão “libertadora” do carnaval, mas também considerando a demarcação territorial do Ribeiro Bote: em que medida, no contexto da crescente turistificação do carnaval do Mindelo, os desfiles dos Mandingas podem ser identificados como “consciências infelizes”?

Biografia:

Laurine Sézérat é pós-doutoranda pelo programa de sociologia e antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS-UFRJ), membro do núcleo de pesquisa NESP (Espaço, Simbolismo e Poder/IFCS) no Rio de Janeiro, e do grupo de pesquisa Alter (Altérites et Territoires/ LAVUE) em Paris. Doutora em urbanismo (UFRJ/Paris 8), recebeu em 2021 a menção honrosa do prêmio da Associação dos brasilianistas europeus (ABRE) para sua tese sobre as contestações de projetos urbanos. Atualmente, seu projeto de pesquisa busca analisar as dinâmicas de apropriação cultural e artística do patrimônio material e imaterial na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Todos seus trabalhos, sejam realizados no Brasil ou França, se caracterizam pela vontade de misturar abordagem sensível do mundo social, estética e engajamento.

Instalação sonora:

- **Cécile Février (criadora sonora e *perchwoman*) e Anaïs Vaillant (antropóloga e artista):**

O canto das máscaras (Le chant des masques)

Esta instalação sonora oferece uma experiência imersiva em vários eventos urbanos contemporâneos, bem como vários testemunhos, músicas, canções associadas a travessias musicais e coletivas no espaço urbano (manifestações, *prides*, carnavais). As imersões sonoras são propostas por meio de um sistema de máscaras sonoras que os ouvintes são convidados a usar durante a audição (1 minuto por máscara).

Sessão 2: Cortejos musicais, carnaval e engajamento político

- **Anaïs Vaillant (antropóloga e artista para a rua, o palco e as ondas, França):**

Apropriação cultural e reapropriação do espaço público: as propriedades sociais e sonoras da batucada

Esta comunicação apresentaria um inventário das práticas europeias da “batucada” (tipo de orquestra de percussões de inspiração brasileira), sob o prisma de diferentes graus de apropriação, ou seja, por: aprendizagem de uma cultura musical estrangeira, socialização por práticas de transmissão oral, e engajamento numa dinâmica coletiva de criação de cultura popular. A batucada, fenômeno globalizado, tornou-se há mais de vinte anos uma sociedade musical essencial dos eventos festivos e de protestos europeus que acontecem nas ruas. Ferramenta de reapropriação espacial e sonora do espaço público urbano, é também a manifestação de um desejo de reapropriação corporal e cultural através do jogo coletivo e interdependente de todas as suas partes, e pela necessidade de “se tornar um corpo” (*faire corps*) nas cidades europeias contemporâneas. A noção de apropriação cultural não estaria abordada a partir de um ponto de vista conflitual. Seria considerada a partir do que revela sobre o lugar das culturas musicais e políticas populares nas cidades de hoje e como talvez nos permita responder a necessidades especificamente europeias. Essa comunicação será estruturada em torno das próprias propriedades da batucada em seu ambiente original brasileiro (prática informal, tecnicidade e eficiência sonora) e será baseada em exemplos do uso da batucada como ferramenta de emancipação, coesão social e protesto, mas também como espetáculo de entretenimento exótico ou animação consensual para organizadores institucionais. Compartilharei trechos do meu caderno de campo mantido entre 2005 e 2024.

Biografia:

Anaïs Vaillant é antropóloga e artista de rua, no palco e rádio. Seus trabalhos tratam das tradições, apropriações e invenções culturais em eventos festivos populares na França.

- **Monika Salzbrunn (socióloga, Université de Lausanne / Projet ERC Artivisme, Suíça):**

Um recurso de resistência? Reflexões sobre o carnaval a partir dos carnavais antiturísticos de Gênova e Florença.

O excesso de turismo e a transformação de certos centros das cidades em “vitrines”, geram múltiplas formas de resistência, notadamente musicais: cortejos carnavalescos, desvios de festas de santos ou performances silenciosas e disruptivas são organizados para expressar de forma humorística a oposição política, social e cultural, a transformação neoliberal do espaço urbano. Através da música, ruídos incongruentes ou gestos, indivíduos, mais ou menos organizados, tentam se reapropriar o espaço público, praticar uma outra cidade e viver juntos de forma diferente, como uma prefiguração da boa vida. No entanto, também observamos consequências não intencionais desses atos espontâneos ou cuidadosamente planejados: acontece que turistas sejam distraídos, se distraem, se divertem, começam a responder performando, dançando aos ritmos dos tambores, ou tirando selfies na frente dos atores que estão interpretando sua própria paródia. Partindo de uma entrada epistemológica pelo evento, a intervenção apresentará alguns resultados do projeto “ARTIVISM. Art and activism. Creativity and Performance as Subversive Forms of Political Expression in Super-Diverse Cities” financiado pelo Conseil Européen de Recherche (ERC) e dirigido pela autora. A *Parata di San Giovanni* de Gênova e os primeiros carnavais antiturísticos da Itália servirão de exemplo. Serão apresentados através da projeção de trechos do filme “*Créer, résister, exister. Formes d’engagement artiste au Cameroun, aux Etats-Unis, en France et en Italie*” produzido pela autora.

Biografia:

Professora titular de Religiões, Migrações e Artes na Universidade de Lausanne, Monika Salzbrunn é laureada pelo Conseil Européen de la Recherche (ERC) pelo seu projeto ARTIVISMO — and Performance as Subversive Forms of Political Expression in Super-Diverse Cities, realizado em três continentes (em carnavais e performances carnavalescas em países mediterrâneos, quadrinhos nos Camarões, e arte mural na Califórnia). Autora de numerosos artigos sobre métodos inovadores nas ciências sociais, como *field-crossing*, antropologia visual e gráfica, e métodos multissensoriais, dirigiu vários documentários. www.erc-artivismo.ch

- **Maité Maskens (antropóloga, LAMC-ULB, Bélgica) et Julie Métais (antropóloga, LAP-EHESS/LAMC-ULB, Bélgica):**

Carnason. As costuras do carnaval, peça sonora.

“Mundo de cabeça para baixo” (*Monde à l’envers*), performances públicas, festas populares, engajamentos de corpos e sensibilidades, “efervescência coletiva”, toque de sinos, barulho de latas amassadas e montadas em fantasia urbana que está raspando o asfalto, cantos humanos, gritos, crepitar da grande fogueira final, uivos, saturação do espaço sonoro... O carnaval constitui um objeto “total” para a antropologia, complexo de compreender em sua profundidade sensível. A partir de um trabalho realizado por 4 ouvidos e gravação sonora de três carnavais da Bélgica francófona (Carnaval Sauvage de Bruxelas, Carnaval do Norte de Liège e Carnaval de Charleroi), interessamo-nos pelas dimensões políticas e sensoriais dos territórios carnavalescos. O carnaval é sempre uma festa “que não é dada ao povo, mas que o povo dá a si mesmo”? Qual é o tom político atual deste momento apotropaico que pontua o ano? Como podemos contar a sua história através de gravações sonoras, tal um resíduo cego da realidade? Acentos, fanfarras, relação específica com o tempo e o espaço da festa: entre ensaios, encenações, mortificação dos males da cidade e alegria de estarmos juntos, descobriremos ou redescobriremos a comunidade onde vivemos, procuramos transmitir como a cidade “toca” no dia de Carnaval e o que essa tonalidade conta.

Biografias:

Maïté Maskens é antropóloga, vinculada ao Laboratoire d’Anthropologie des Mondes Contemporains (LAMC), professora na Universidade Livre de Bruxelas e vice-diretora do Instituto de Sociologia. As suas atuais áreas de predileção residem principalmente no campo da antropologia da burocracia, ao se interessar no trabalho de agentes e representantes do Estado. No passado, trabalhou nos fenômenos religiosos e utopias. É também codiretora das Ateliers d’Hybridations Anthropologiques (AHA), e codirigiu o documentário etnográfico *Alambre Etcetera* em 2018 e o documentário sonoro *Carnason : les coutures du Carnaval* em 2023.

Julie Mais é professora em antropologia na Université Toulouse Jean Jaurès. Trabalha sobre antropologia política do protesto e conflito, abordada através de diferentes âmbitos: escola, festividades populares e polícia. Suas pesquisas, realizadas em diferentes contextos, americanos (México, Brasil) e europeu (Bélgica), questionam os processos sociais de construção de alteridade, utopias políticas e violência. Desenvolve uma abordagem dialógica da política através do som e pela gravação da expressão de corpos e histórias locais. Essa dimensão sonora do seu trabalho alimenta sua reflexão sobre escrita e narração na antropologia. Desde 2021, participa das experiências coletivas dos Ateliers d’Hybridation Anthropologique (AHA) na Universidade Livre de Bruxelas (ULB).

- **Alexandre de Oliveira Silva (antropóloga, projeto de tese em regime de cotutela com a UFF, Brasil e EHESS, França):**

Sorriso no rosto e Samba no Pé »: O carnaval da associação Couleurs Brazil pelas ruas do 20^{ème}

Esta proposta de comunicação se origina a partir da etnografia realizada no contexto de um doutorado em cotutela entre o curso de Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) e a École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). A associação Couleurs Brazil, fundada em 2002 por Maria Gonçalves de Barros, busca promover a cultura afro-brasileira em Paris, mais especificamente na Rue du Borrégo no 20ème arrondissement. Acompanhamos seus esforços em construir um "carnaval brasileiro" pelas ruas do bairro, buscando visibilidade para a diversidade étnico-cultural e a celebração de uma negritude construída em diálogo com os demais agentes culturais. Se o Carnaval da associação é um espaço de dança e de festa, ele assume, também, um lugar de protesto político e de manifestações contra o poder público. Os contornos das críticas políticas podem ser desenhados a partir do discurso politizado e crítico da Maria Gonçalves de Barros, da insatisfação dos membros dos coletivos com a falta de suporte governamental e da dificuldade de organização do evento, que refletem a precariedade do trabalho da associação e a falta de financiamento público. Se a cidade pressupõe um direito de acesso a ela, a celebração da negritude, a festa e o desfile representam, também, usos ativos e políticos desse acesso, transmutando-se em rebeldia e em confronto moral tácito. Assim, os grupos brasileiros Cabaret Gandaia, Vidabaiana, Afro Bandão, Nação Capoeira, Batalá, Colombina Clandestina, o grupo boliviano Caporales San Simon Cochabamba, o grupo equatoriano Raíces Andinas del Ecuador e a Federation Carnaval Tropical, parisiense, compõem, juntos, um Carnaval que mobiliza diversidade cultural e que, depois do desfile, continuam a festa ocupando a rua e se manifestando com batucadas e gritos de protesto.

Biografia:

Pesquisador nas áreas de migração e associativismo, Alexandre de Oliveira Silva é associado ao Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP/UFF) e ao Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain (CRBC/EHESS). Historiador pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil), Mestre em Antropologia pela mesma universidade e Doutorando em Cotutela pela Universidade Federal Fluminense (Antropologia) e a École des Hautes Études en Sciences Sociales (Migrations, Territoires, Développement). No momento, desenvolve uma tese de doutorado sobre a mobilização da cultura afro-brasileira pela associação Couleurs Brazil, em Paris.

- **Andrew Snyder (etnomusicólogo, INET-NOVA-FCSH, Portugal):**

A Xenofobia Estrutural e a Luta pela Viabilidade do Carnaval Brasileiro de Lisboa

O carnaval brasileiro, que cresceu exponencialmente desde meados da década de 2010 nas ruas de Lisboa, a antiga metrópole brasileira, tem virado uma tradição importante para a articulação de pertença dos imigrantes em Portugal, tanto em termos de criação de experiências diaspóricas de ligação entre imigrantes como de forjamento de laços com a sociedade anfitriã de Portugal. Como os eventos dos blocos começaram relativamente pequenos, inicialmente desfilavam com o estatuto de “manifestações” com taxas mínimas. Em 2020, depois dos eventos atingirem dezenas de milhares de pessoas, a polícia passou a

categorizá-los como “eventos comerciais”, exigindo que os blocos pagassem taxas caras, apesar das suas celebrações em espaços públicos não terem fins lucrativos, criando obstáculos para a realização dos eventos. Desde 2023, os blocos lançaram uma campanha pública para viabilizar o carnaval, mas em 2024 chegaram novamente numa situação de impasse com as autoridades públicas, levando os blocos a desfilar novamente como manifestações com um estatuto jurídico questionável, criando um ambiente de medo de multa e repressão policial. Embora os imigrantes brasileiros tenham entendido o tratamento como resultado da xenofobia prejudicial que muitas vezes vivenciam em Portugal, a cidade cuidou de não estigmatizar as práticas culturais brasileiras como a razão do desacordo, ao argumentar que os brasileiros não são tratados de forma diferente dos outros. Além disso, a cidade destaca suas conexões pós-coloniais com o Brasil, bem como adaptações portuguesas do carnaval brasileiro. Sustento, porém, que os imigrantes brasileiros em Portugal enfrentam a xenofobia estrutural, uma forma sistêmica de exclusão de imigrantes não baseada em lógicas explicitamente xenófobas. Quando os sistemas burocráticos não adaptam explicitamente os seus modelos aos objetivos de inclusão e equidade, atendendo às necessidades específicas dos eventos de imigrantes, arriscam de excluir estas comunidades que são inerentemente mais precárias e não podem usufruir destes sistemas tão facilmente como os atores locais.

Biografia:

Andrew Snyder é pesquisador no Instituto de Etnomusicologia da Universidade NOVA de Lisboa, em Portugal, tendo concluído seu doutorado em etnomusicologia na Universidade da Califórnia, Berkeley. É autor de *Critical Brass: Street Carnival and Musical Activism in Olympic Rio de Janeiro* (Wesleyan University Press, 2022). É também coeditor do *Journal of Festive Studies* bem como os livros *Festival Activism* (Indiana University Press, 2025), *HONK! A Street Band Renaissance of Music and Activism* (Routledge, 2020), e *At the Crossroads of Music and Social Justice* (Indiana University Press, 2022), que ganhou em 2023 o Prémio Ellen Koskoff da Society for Ethnomusicology e Menção Honrosa pelo Prémio Bruno Nettl.

Sessão 3: Práticas musicais e politização dos espaços públicos urbanos

- **Simone Luci Pereira (antropóloga, UNIP/Pesquisadora CNPq, Brasil) et Flávia Magalhães Barroso (pós-doc PPGC-UNIP, Brasil):**

Escadaria do Jazz (Bixiga, São Paulo/Brasil): alianças entre música, territorialidades e ativismo no espaço urbano

As práticas musicais que ocorrem em espaços públicos urbanos indicam disputas pelo direito à cidade, evidenciando tanto as tramas de poder quanto ações de resistência nas cidades contemporâneas. A pesquisa realizada atualmente adota uma perspectiva que conjuga comunicação, cidade e música - a partir da cartografia - para compreender as dinâmicas musicais no Bixiga, região localizada na área central de São Paulo. Trata-se do esforço em

cartografar a rede de actantes que conformam atividades musicais de forma independente na região, no intuito de rastrear as controvérsias, táticas e ativismos inscritos no cotidiano do território. Dentre as atividades musicais mapeadas, destacamos o evento Escadaria do Jazz que ocorre há 10 anos com edições mensais aos sábados ou domingos na região, ocupando uma escada centenária que liga a parte alta e baixa do bairro, como palco e espaço para a plateia. Com a proposta de realizar apresentações gratuitas de jazz e música instrumental, o evento situa-se não apenas como vetor cultural no território, mas sobretudo, como responsável pela transformação do “caráter público” do espaço. A trajetória do evento demonstra a capacidade das atividades musicais em constituir arenas temporárias de visibilidade para reivindicações. As disputas, em geral, envolvem regramentos em relação ao uso do espaço, críticas aos processos de gentrificação e as descontinuidades nas políticas públicas de cultura e planejamento urbano. Em contraponto, situam-se os contratos locais para viabilização de microeventos, a associação entre coletivos culturais, a concretização de vitrines para novos artistas e a mobilização ativista em torno da ocupação dos espaços entre outras pautas. Indicamos neste breve resumo as vicissitudes das práticas musicais públicas na redefinição dos parâmetros de ocupação do território e a produção de arenas de visibilidade para os dissensos e disputas situados no interior das cidades contemporâneas.

Biografias:

Simone Luci Pereira é professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP (São Paulo). Pesquisadora do CNPq (Bolsista de Produtividade em Pesquisa). Professora Colaboradora do PPG Comunicação da UERJ (Rio de Janeiro). Doutora em Ciências Sociais – Antropologia, com pós-doutorado em Comunicação e pós-doutorado em Música. Líder do GP (CNPq) URBESOM - Culturas Urbanas, Música e Comunicação.

Flávia Magalhães Barroso é mestre e doutora em Comunicação pela UERJ, Pós-Doutoranda no PPG Comunicação da UNIP e bolsista CAPES PDPG (Pós-Doutorado Estratégico). Pesquisadora dos GPs (CNPq) CAC (UERJ) e URBESOM (UNIP).

- **Cíntia Fernandes (socióloga, FCS-UERJ/pesquisadora CNPq, Brasil) et Micael Herschmann (historiador, Escola de Comunicação-UFRJ/pesquisador CNPq, Brasil):**

Emergência de Rodas de Samba de Mulheres no Centro da Cidade do Rio de Janeiro

Tendo como meta central a construção de uma cartografia das controvérsias (LATOURET, 2012) do samba de rua carioca – tomou-se como base: a realização de entrevistas com os atores relevantes dessas cenas e de observações de campo nos eventos, levantamentos de matérias veiculadas nas mídias e redes sociais, bem como certa articulação com parte da literatura especializada nas temáticas afins tratadas – centrada nas “territorialidades sônico-musicais” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014 e 2018) que estão articulados especialmente as questões de gênero: buscou-se repensar nesse trabalho, a vitalidade e capacidade movente das sonoridades presentes nas rodas de samba protagonizadas por mulheres nos

últimos anos na cidade do Rio de Janeiro, as quais vêm ocupando de maneira astuciosa e tática os espaços públicos urbanos, potencializando estéticas e experiências “artistas” na cidade. Essas performances dissensuais engendram novas e outras territorialidades em dinâmicas interseccionais que privilegiam uma agenda política e cultural queer. Parte-se do pressuposto de que essas iniciativas articuladas à nova onda e a “explosão dos feminismos contemporâneos” (HOLLANDA, 2018) vêm desconstruindo os discursos e as práticas necropolíticas impostas às minorias, os quais são naturalizados no cotidiano, especialmente no dia a dia de mulheres pobres e negras no contexto brasileiro. Assim, analisa-se a atuação de redes e coletivos que se engajam no mundo das rodas de samba femininas – que participam, por exemplo, das rodas da Moça Prosa, Mulheres da Pequena África e do Samba que Elas Querem –, os quais vêm construindo “heterotopias” (LÉFÈBVRE, 2015) potentes, que reinserem várias temáticas na pauta cotidiana, tais como: cidadania, colonialidade, gênero/pós-gênero, racismo, machismo, heteronormatividade e violências em geral dirigidas contra as mulheres e aos grupos LGBTQI+. Vale sublinhar que se analisa a relevância dessas “alianças dos corpos” (BUTLER, 2018) em iniciativas de ativismo musical implementadas por esses coletivos femininos na construção de um ambiente urbano com mais inclusão social.

Biografias:

Cíntia Sanmartin Fernandes é pesquisadora do CNPq, líder dos grupos de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade e Laboratório de Estudos da Imagem e do Imaginário do PPGCOM da UERJ, onde é também professora associada. Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. É autora das plataformas digitais: *Cartografia Musical de Rua do Centro do Rio de Janeiro* e *Cartografia das Cidades Musicais do Estado do Rio de Janeiro*. Publicações destacadas: *A força movente da música* (Sulina, 2023); *Artivismos Urbanos* (Sulina, 2022); *Cidades Musicais* (Sulina, 2018); *Música nas ruas do Rio de Janeiro* (Ed. Intercom, 2014).

Micael Herschmann é pesquisador do CNPq, líder do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da ECO/UFRJ e é Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor das plataformas digitais: *Cartografia Musical de Rua do Centro do Rio de Janeiro* e *Cartografia das Cidades Musicais do Estado do Rio de Janeiro*. Publicações destacadas: *A força movente da música* (Sulina, 2023); *Artivismos Urbanos* (Sulina, 2022); *Cidades Musicais* (Sulina, 2018); *Música nas ruas do Rio de Janeiro* (Ed. Intercom, 2014); *Nas bordas e fora do mainstream musical* (Estação das Letras, 2011); *Indústria da Música em Transição* (Estação das Letras, 2010) e *O Funk e Hip Hop invadem a cena* (2000).

- **Filippo Bonini Baraldi (etnomusicologia, INET-NOVA-FCSH, Portugal):**

Ações performáticas do maracatu de baque solto em Lisboa e suas implicações políticas

Nesta comunicação descreverei diversas ações – científicas, políticas e artísticas – realizadas em dezembro de 2019 quando, graças ao financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT, Portugal), pude convidar treze músicos e dançarinos de baque solto,

espetáculo carnavalesco que acontece na Zona da Mata Norte de Pernambuco (Brasil). Estas atividades decorreram num bairro popular do centro da cidade (Mouraria), onde numerosos espaços associativos – os clubes desportivos, fundados no início do século XX – estão ameaçados de desaparecimento (ou já desapareceram) devido à pressão do turismo e especulação imobiliária. É nesses espaços que realizamos oficinas de música e dança, com o objetivo de formar, junto aos moradores do bairro, um grupo (quase) completo de maracatu, capaz de desfilar pelas ruas da Mouraria. A questão principal não era apresentar uma performance exótica e espetacular, mas, pelo contrário, defender o espaço público como local de encontros populares criativos e festivos, preocupação política que os “brincantes” de maracatu compartilham e reivindicam. Pedimos então ao artista brasileiro Helder Vasconcelos que criasse uma ação-performance de rua, denominada Maracatour, com o objetivo de sensibilizar os pedestres e as autoridades públicas para o problema do desaparecimento dos espaços associativos. Para além do seu interesse local, essas ações levantam questões mais gerais, que me interessaria discutir nessa jornada de estudo: de que forma as pessoas e as práticas artísticas “estrangeiras” podem ser integradas nas ações políticas – performance de uma capital europeia? Que novo papel o etnomusicólogo se vê assumindo e que nova relação se forma com as pessoas que estuda?

Biografia:

Filippo Bonini Baraldi é pesquisador no Instituto de Etnomusicologia (INET-md) da Universidade NOVA de Lisboa (Portugal), onde coordena o grupo de pesquisa “Etnomusicologia e estudos em música popular”, e membro associado do Centre de recherche en ethnomusicologie (Crem-LESC) na Université Paris Nanterre (França). Sua pesquisa sobre música, emoções e saúde, baseada em trabalho de campo na Roménia, Itália e Brasil, é altamente interdisciplinar, ao combinar métodos de etnomusicologia, música computacional e ciência cognitiva. O seu livro *Roma Music and Emotion* (Oxford UP, 2021) recebeu o Prémio ICTMD (menção honrosa) e o Prémio William A. Douglas de Antropologia Europeanista (Society for the Anthropology of Europe, American Anthropological Association).

- **Michel Moreau (geógrafo, UERJ, Brasil) et Wagner José (músico, Brasil):**

Músico artista-público e a criação de palcos de experiências de partilha », análise da trajetória do músico Wagner José.

Essa comunicação, que será ilustrada por uma montagem vídeo, tem o intuito de fomentar uma discussão sobre as maneiras de enxergar música na rua, ressaltando o conceito de “Arte Publica” e dialogando com a noção de “espaços comuns emergentes” pautada por Stavrides (2014, 2016). O protagonista principal deste trabalho de campo é Wagner José, originário do bairro de Jacarepaguá, perto da Praça Seca, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Trata-se de um velho companheiro, encontrado tocando na rua com sua kombi, com o qual mantenho um diálogo há quase vinte anos. Ele integrou o “Fórum de Arte Publica” em 2013, liderado pelo teatrólogo Amir Haddad e seu coletivo Tá Na Rua. Wagner

José atua nele quase semanalmente até hoje. Isso afetou profundamente a maneira que ele tinha de tocar nas ruas e até mesmo de se relacionar com o público e outros coletivos. Hoje em dia, ele integra várias programações, desde festivais em escolas públicas, festivais de coletivos de rua, até atuações solitárias, sempre trazendo seu material e abrindo o microfone para quem quiser. É justamente esta porosidade das suas ações que nos permitirá construir uma comunicação que coloque em paralelo o conceito de “arte pública” com a noção de “espaços comuns emergentes”, que Stavrides conceitua (2014, 2016): o estado de doação exigido para atuar como artista-público, e a necessidade de se abrir às diferenças para criar “palcos de experiências de partilha” (Stavrides, 2014, p.3).

Biografia:

Michel Moreaux é geógrafo, mestre em geografia pela PUC-Rio em 2013 e doutor em Geografia pela UERJ em 2020, com a tese "Espaço e ritmo: estudo das práticas dos artistas de rua como formas de apropriação do espaço público". Este trabalho retrata *savoir-faire* de artistas de rua do Rio, mobilizando o conceito de ritmo. É também músico e atua como produtor cultural, promovendo o diálogo entre arte e ciência.

- **Alix Didier Sarrouy (sociólogo das artes, INET-NOVA-FCSH, Portugal):**

Territórios e cenas políticas do instrumento musical

Para esta comunicação gostaria de partir do meu artigo *Territoires de l'instrument musical* (2018) e estendê-lo com uma análise sobre a utilização de instrumentos musicais em eventos públicos. No artigo, considero o instrumento musical como um “ator social”, um objeto a ser levado a sério pelos seus efeitos práticos e simbólicos (Malinovski, 1989; Merriam, 1964; Hennion, 2007). Partindo de pesquisas de campo sobre educação musical em bairros desfavorecidos na Venezuela, Brasil e Portugal, sigo os caminhos dos objetos para entender os atores que os utilizam e seus territórios de ação (Sarrouy, 2017a) – o instrumento musical como informador. Para ampliar as conclusões desta primeira investigação situada no tempo e no espaço, proponho utilizar a mesma metodologia para analisar a utilização de instrumentos musicais em manifestações sociais, nomeadamente nas lutas pela Justiça Climática em Portugal, levadas a cabo pelo Climáximo coletivo desde 2020 (Sarrouy et al., 2022). Defenderei que os músicos não se apoderam de um espaço público aberto e indescritível, mas que dentro dele criam um espaço privado, muitas vezes assegurado pelos próprios manifestantes. A música servirá para unir o coletivo, mantê-lo ativo e criar uma espécie de espaço seguro para comunicar mensagens de protesto. O instrumento musical é também um mediador físico e simbólico diante da violência policial, permitindo avançar e controlar os diferentes grupos sociais que se enfrentam. Já que isso tudo representa uma “coreografia social” no espaço público (Hewitt, 2005), terminarei ligando esse conceito ao de “coreopolítica” de André Lepecki (2013).

Biografia:

Alix Didier Sarrouy é músico e sociólogo das artes. Pesquisador no Instituto de Etnomusicologia – Centro de Investigação em Música e Dança na Universidade Nova de Lisboa. Coordenador da linha temática Poder, Política e Ativismo. Pesquisador principal do projeto “YouSound – A educação musical como ferramenta para a inclusão dos refugiados menores na Europa”. Coeditora do livro “*A arte de construir cidadania: juventude, práticas criativas e ativismo*” (2022, Tinta da China), e autora do livro “*Atores na educação musical: etnografia nos programas socioculturais El Sistema, Neojiba, Orquestra Geração*” (2022, Húmus-CICS.NOVA). Professor auxiliar convidado na Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria.

Organizadores:

Laurine Sézérat (PPGSA/IFCS-UFRJ): é pós-doutoranda pelo programa de sociologia e antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS-UFRJ), membro do núcleo de pesquisa NESP (Espaço, Simbolismo e Poder/IFCS) no Rio de Janeiro, e do grupo de pesquisa Alter (Altérites et Territoires/ LAVUE) em Paris. Doutora em urbanismo (UFRJ/Paris 8), recebeu em 2021 a menção honrosa do prêmio da Associação dos brasilianistas europeus (ABRE) para sua tese sobre as contestações de projetos urbanos. Atualmente, seu projeto de pesquisa busca analisar as dinâmicas de apropriação cultural e artística do patrimônio material e imaterial na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Todos seus trabalhos, sejam realizados no Brasil ou França, se caracterizam pela vontade de misturar abordagem sensível do mundo social, estética e engajamento.

Andrew Snyder (INET/NOVA-FCSH): é pesquisador no Instituto de Etnomusicologia da Universidade NOVA de Lisboa, em Portugal, tendo concluído seu doutorado em etnomusicologia na Universidade da Califórnia, Berkeley. É autor de *Critical Brass: Street Carnival and Musical Activism in Olympic Rio de Janeiro* (Wesleyan University Press, 2022). É também coeditor do *Journal of Festive Studies* bem como os livros *Festival Activism* (Indiana University Press, 2025), *HONK! A Street Band Renaissance of Music and Activism* (Routledge, 2020), e *At the Crossroads of Music and Social Justice* (Indiana University Press, 2022), que ganhou em 2023 o Prémio Ellen Koskoff da Society for Ethnomusicology e Menção Honrosa pelo Prémio Bruno Nettl.

Filippo Bonini Baraldi (INET/NOVA-FCSH): é pesquisador no Instituto de Etnomusicologia (INET-md) da Universidade NOVA de Lisboa (Portugal), onde coordena o grupo de pesquisa “Etnomusicologia e estudos em música popular”, e membro associado do Centre de recherche en ethnomusicologie (Crem-LESC) na Université Paris Nanterre (França). Sua pesquisa sobre música, emoções e saúde, baseada em trabalho de campo na Roménia, Itália e Brasil, é altamente interdisciplinar, ao combinar métodos de etnomusicologia, música

computacional e ciência cognitiva. O seu livro *Roma Music and Emotion* (Oxford UP, 2021) recebeu o Prémio ICTMD (menção honrosa) e o Prémio William A. Douglas de Antropologia Europeanista (Society for the Anthropology of Europe, American Anthropological Association).

Emmanuelle Lallement (LAVUE/Université Paris 8): é antropóloga do mundo urbano. Professora universitária no Institut d'Études Européennes da Université Paris 8, membro do Laboratoire Architecture, Ville, Urbanisme, Environnement (LAVUE). Desenvolve pesquisas sobre a construção da cidade através de eventos festivos, situações de troca comercial e mobilidade no contexto da globalização. É responsável pelo eixo "Pensar a cidade contemporânea" da Maison des Sciences de l'Homme Paris Nord.